O Encontro Nacional das Oposições Sindicais

Cleodon Silva

Membro da Oposição Sindical Metalúrgica de São Paulo.
Em Tempo - Semanário nacional - Ano II, n. 78: 23 a 29 de agosto de 1979, p. 4

O Encontro Nacional das Oposições Sindicais — ENOS reunirá, além das Oposições Sindicais, oposições que já ganharam diretorias de sindicatos, comandos de greve e diretorias combativas. Nele discutiremos e analisaremos as greves e movimentos de 78/79, as táticas e palavras-de-ordem das oposições, o questionamento da estrutura sindical e daí se pretende apontar uma proposta política para a classe, a nível nacional.

Para entendermos a importância de sua realização é preciso fazer algumas considerações rápidas sobre a trajetória das oposições, do movimento e das lideranças sindicais e propostas que têm surgido.

Mesmo antes do golpe de 64, vários grupos operários já avançavam ha crítica á política de conciliação de classes que imperava na época, presente na direção do populismo trabalhista e do reformismo social. Desde aquele tempo se levantava, nas bases, a crítica ao cupulismo, à ausência de organização pelas bases e, consequentemente, a falta de controle sobre as direções, que decidiam por todos e não prestavam contas a ninguém.

Só depois da derrota do populismo e do reformismo, em 64, abriu-se, um espaço maior para a crítica ativa ao atrelamento sindical, ao cupulismo e ao peleguismo das diretorias sindicais.

A experiência mais acabada da prática das oposições foi em 1968. Neste ano formou-se a Oposição Sindical de Osasco, ao mesmo tempo em que se desenvolviam as comissões de fábrica. O Sindicato foi conquistado e o movimento culminou em uma das greves mais importantes de nossa história. A experiência não se expandiu amplamente naquela época devido aos desdobramentos da crise política que deram na repressão violenta do regime militar às primeiras demonstrações de autonomia do sindicalismo brasileiro dos últimos tempos.

Desde então, as ideias básicas da proposta de Oposição Sindical ficaram estabelecidas e foram a linha mestra de nossa ação no descenso, Estas ideias básicas eram:

a) organização das Comissões de Fábrica (organização pela base);

b) luta contra o atrelamento sindical e expulsão dos pelegos e traidores da classe das direções dos sindicatos;

c) democratização, imediata do sindicato.

A nova conjuntura, porém, é bem diferente daquela; hoje, os movimentos operários e populares avançam e as classes dominantes, em crise, são obrigadas a fazer concessões. A figura do pelego tradicional está altamente desprestigiada no seio da classe operária e já não são capazes de segurar as lutas com a facilidade de manobras que tinham. Os patrões estão ficando cientes das dificuldades de manter as velhas estruturas de dominação, percebem a impotência dos pelegos tradicionais e grande parte da classe operária questiona a estrutura sindical.

Foi neste quadro que surgiram e se fortaleceram as diretorias sindicais chamadas “autênticas”.

O pacto social e as propostas dos trabalhadores

Dentro do esquema de "pacto social” proposto pelas lideranças esclarecidas da burguesia, os “autênticos” jogam um papel fundamental. As lideranças “autênticas”, nascidas e formadas no berço do peleguismo tradicional tiveram, contudo, a sensibilidade de se colocarem do lado dos trabalhadores nos movimentos grevistas Isto, evidentemente, não estava nos planos dos patrões, eles tiveram que engolir as direções "autênticas”, mas até o ponto que elas não viessem a conturbar seriamente a rotina da exploração, os níveis de estoque, etc. O prolongamento das greves do ABC criou uma área maior de atrito entre “autênticos” e a burguesia, que teve que lançar mão da força do governo seja para neutralizar o movimento (polícia, intervenção), seja para pagar os custos da greve.

A evidência da íntima relação entre Estado e Classe Dominante faz com que os autênticos vacilem na aceitação do “pacto social” proposto pela burguesia onde desempenhariam o duplo papel de liderança efetiva da classe e de servidores do regime. Esta vacilação resulta em uma indefinição no campo sindical, na concepção das organizações de base da classe operária, que se manifesta, no plano político, na proposta cupulista de um Par tido dos Trabalhadores.

Todas as visões de Partido dos Trabalhadores que têm aparecido se ressentem de um mesmo defeito: uma posição vacilante quando à organização da classe pela base. A proposta socialista e revolucionária para um partido de trabalhadores deve ter como base o movimento operário autônomo, formado a partir das comissões de fábrica, das interfábricas, dos sindicatos combativos, reunidos todos em uma Central Única de Trabalhadores, onde as decisões partam da participação democrática dos

trabalhadores de base; a definição de um programa partidário amplamente discutido por centenas de círculos de operários e trabalhadores em geral, que assegure tanto a unidade do movimento operário, como a democracia operária desde seus primeiros momentos e responda aos anseios de toda a população explorada da cidade e do campo.

Uma das atribuições do Encontro Nacional de Oposições Sindicais deve ser definir uma proposta política para a classe operária, desde o ponto de vista da formação dos organismos autônomos desta. Para tal a autoridade das oposições é resultado do seu passado de lutas, pois fórum os organismos de defesa da classe durante todo o período de negra repressão aos movimentos populares e que expressaram esta resistência numa prática de unidade; democracia e que sempre esteve estreitamente vinculada às bases e aos interesses do movimento operário. Seu caráter proletário não é isolacionista. Decorre da liderança evidente assumida pelos operários nas lutas dos últimos dois anos. Daí a necessidade de nos comprometermos com esta proposta.

◊◊◊ ◊◊◊ ◊◊◊